

Caesb limpa Lago em 50 dias

Serão gastos 70 milhões de dólares nas obras iniciais

Recursos já liberados pela Seplan, Caixa Econômica Federal e Banco Mundial (Bird) num montante de 70 milhões de dólares permitirão a Companhia de Água e Esgotos de Brasília iniciar em aproximadamente 50 dias as obras de ampliação das Estações de Tratamento de Esgoto (ETE) localizadas nas asas Norte e Sul. Com elas, terá início o processo de despoluição do lago Paranoá, pois a eliminação do depósito de fósforo é a única forma de devolver a vida às águas, como explicou ontem o engenheiro ambiental Lazzlo Sonlyody, diretor do Instituto para Controle de Poluição das Águas do Centro de Pesquisa de Budapeste e professor da Universidade da capital húngara.

Há 14 dias no Brasil, graças ao Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), que objetiva elaboração de propostas tecnológicas nas áreas de abastecimento e preservação ambiental, mediante convênio assinado entre a Caesb e a ONU, Lazzlo pôde realizar análises preliminares nas águas do Paranoá. Porém, foram elas suficientes para o diagnóstico: a 100 toneladas ano de fósforo despejadas ao longo da última década provocaram a morte biológica do lago.

Segundo Lazzlo, a recuperação é possível, mas "a natureza não pode esperar", advertiu. Na verdade, mais que a ampliação das ETE, as obras licitadas no último sábado implantarão um sistema capaz de reter o fós-

foro que até então não era retido nem mesmo na, hoje, insignificante quantidade de esgoto tratado nas duas estações. O tempo, no caso, é aliado do alto custo: "Se as obras não forem realizadas em cinco anos, os custos dobrarão", justificou o engenheiro.

Comparando o Paranoá a outros rios e lagos poluídos pela sujeição às atividades humanas — lançamento de esgoto, de poluentes agrícolas e a própria poluição atmosférica —, Lazzlo considerou que as autoridades governamentais erraram, "ao tomarem consciência do problema tardiamente". De posse de alguns dados históricos, ele informou que há 12 anos o Paranoá ainda não era poluído. O processo teria começado há 10 anos e neste período "decisões não foram tomadas".

Por isso, a imediata ampliação e implantação de um novo processo de tratamento nas duas ETE é a única forma de se resolver o problema. Em termos prioritários, a Estação da Asa Sul deverá ter maior agilidade nas obras, já que, juntamente com o Riacho Fundo, que recolhe depósitos de fósforo advindos da utilização dos agrotóxicos, sobrecarrega o braço sul do Paranoá que é responsável por 50 por cento da sedimentação fosfórica, mesmo contribuindo com apenas um décimo do volume de água do lago.

Com as obras, Lazzlo assegurou que 90 por cento do depósito de fósforo estaria eliminado. Medidas complementares deve-

riam, então, ser tomadas, tais como o controle das águas pluviais que desembocam no lago, bem como das águas drenadas (riachos e córregos) e da bacia do Riacho Fundo, que foi enfatizada como grande responsável pela poluição. A remoção do sedimento já existente no lago, que vai atingindo o topo da massa de água, também poderia ser realizada, sobretudo, nas regiões mais poluídas do Paranoá.

DOIS ANOS

De acordo com o assessor de imprensa da Caesb, Marco Aurélio Senra, as obras de ampliação e implantação de um novo processo tecnológico nas ETE têm prazo de conclusão estipulado em dois anos. No último sábado os editais de licitação das obras foram publicados na imprensa. A partir daquela data, contam-se 45 dias para as empresas apresentarem suas propostas, que posteriormente serão analisadas. Segundo Senra, provavelmente em 50 dias as obras poderão ter início.

Quanto ao Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, a assessoria da Caesb informou que ele terá continuidade com a vinda de mais quatro técnicos estrangeiros para análises nos setores a que ele está circunscrito, num intercâmbio que prevê também a ida de 16 brasileiros ao exterior para troca de informações. O PNUD terá duração de três anos.